



Boletim de Notícias NS

**NSDAP/AO : PO Box 6414
Lincoln NE 68506 USA
www.nsdapao.org**

#1132

24.11.2024 (135)

A. V. Schaerffenberg

Heróis desconhecidos da raça branca

Parte 5

Eoin O'Duffy

A luta do homem branco pela sobrevivência no Terceiro Reich foi o maior feito do século XX. Mas a mesma luta na Irlanda não foi tão bem recordada. O povo irlandês, tal como todas as outras nacionalidades arianas, são os irmãos e irmãs de sangue da nossa raça. Os judeus não fazem qualquer distinção entre eles e o resto dos gentios do mundo, e consideram todas essas potenciais vítimas como apenas mais "goyim", um termo de baixo desprezo para os não-judeus que significa "gado estúpido". Como tal, os irlandeses não eram menos imunes à perfídia judaica do que os alemães, que encontraram em Adolf



Eoin O'Duffy

Hitler o seu salvador racial. Também os melhores elementos da Irlanda olhavam para a sua ideologia como a espada que salvaria a sua terra de uma ameaça comum que ameaçava toda a humanidade.

As raízes do moderno movimento racial gaélico nasceram da agitação e da desilusão com o Estado Livre Irlandês, a república do sul da Irlanda que nasceu na década de 1920 de uma vitória parcial sobre as forças de ocupação estrangeiras; o norte ainda permanecia (e permanece) nas mãos dos britânicos. Mas o Estado de Dublin que daí resultou estava repleto de corrupção e da irresponsabilidade coletiva que caracteriza todas as democracias. O sacrifício dos patriotas irlandeses foi desperdiçado entre as querelas e a corrupção dos liberais e dos conservadores, enquanto estes chafurdavam irremediavelmente nos estertores de uma depressão mundial. Deste caldo de bruxas democrático, de escândalos políticos e miséria económica, surgiu pela primeira vez na Irlanda o fedor fétido do marxismo. O Exército Republicano Irlandês, outrora nacionalista e heroico, foi infetado por este filho ilegítimo da democracia liberal, enquanto o Partido Revolucionário dos Trabalhadores, de cariz bolchevique, pendurava os seus trapos vermelhos salpicados com o martelo e a foice nas ruas da triste Dublin.

Os veteranos das revoltas de 1916 e da década de 1920 pela libertação da Irlanda eram espancados por bandos comunistas ou gritados por multidões de marxistas históricos, que consideravam abertamente a pequena Irlanda como um mero trampolim para a sua pútrida revolução mundial. O mesmo padrão de subversão nacional que se desenvolveu em todos os outros Estados europeus tinha-se estendido às Ilhas Britânicas e estava a ser perpetrado pela mesma multidão de judeus internacionais. Os veteranos uniram-se para auto-proteção na Associação dos Camaradas do Exército. Costello, um historiador moderno da Irlanda contemporânea, descreveu-o da seguinte forma: *Surgiu neste país um movimento espontâneo para proteger os direitos e as liberdades do povo. Esse movimento em particular, espontâneo como era, não foi de forma alguma organizado, projetado ou fomentado por qualquer partido político ou por quaisquer políticos. A A.C.A. surgiu espontaneamente porque o governo, cujo dever era salvaguardar os direitos dos seus cidadãos, estava a negligenciar o seu dever, porque pensava que era do seu próprio interesse ignorar o vandalismo que estava a acontecer em todas as partes do país."*

A reação comunista foi violenta, mas as autoridades liberais, elas próprias confusas com o vírus da esquerda, não ofereceram qualquer ajuda aos homens que tinham tornado possível o Estado Livre Irlandês. Assim, os desesperados membros

da A.C.A. olharam para os recém-vitoriosos Stormtroopers alemães como um exemplo de auto-defesa e, a 8 de abril de 1933, nasceu em Dublin o movimento Blue-Shirt. Usando a S.A. de Adolf Hitler, de camisa castanha, como modelo, os soldados irlandeses representavam os elementos mais jovens (em espírito e em corpo) e mais radicais da A.C.A. Agora, os veteranos tinham um punho com o qual ripostar. A liberdade de expressão para os anticomunistas foi instantaneamente restaurada e, em vez de os patriotas serem vítimas dos bandidos vermelhos, os marxistas viram-se de repente a ser vítimas de uma sova sangrenta. A cor azul foi escolhida para simbolizar uma Irlanda Unida, representada pelo oceano azul que rodeava todo o país.

Os Blueshirts escolhem o seu líder

Em junho, os Camisas Azuis escolheram por unanimidade Eoin O'Duffy para os dirigir. Era o último homem honesto no governo e a sua demissão pelos políticos democráticos, que o odiavam por não o poderem subornar, provocou um escândalo nacional. Aos 41 anos, o robusto O'Duffy, de cabelo louro, era chefe da Polícia Nacional e general da Guarda Civil. Nas palavras de Maurice Manning, um historiador moderno dos Camisas Azuis, *O'Duffy tinha sido um comissário de polícia forte e muito independente. Tinha um talento para a publicidade e tinha estado frequentemente nas manchetes dos jornais na década de 1920. Era extremamente conhecido em todo o país. Foi um dos principais membros da Associação Nacional de Atletismo e Ciclismo e dirigiu a bem sucedida equipa irlandesa nos Jogos Olímpicos de 1932. Foi um comandante extravagante e bem sucedido durante a Guerra da Independência e acabou por se tornar Vice-Chefe do Estado-Maior e um confidente próximo do General Michael Collins (que liderou a revolta). Foi nomeado Comissário da Polícia em 1922 e ocupou o cargo de Chefe do Estado-Maior do Exército durante um período após o motim de 1924. Por conseguinte, era muito conhecido e parecia estar numa posição de considerável força independente."*

Na altura em que foi nomeado para a Camisola Azul, O'Duffy era a figura mais famosa da Irlanda. "Tinha a reputação de ser um organizador vigoroso e competente". A sua personalidade "bluff e amigável fez dele uma figura no país que rivalizava com De Valera". Em 20 de julho de 1933, numa reunião da A.C.A. realizada no Hibernian Hotel, em Dublin, O'Duffy foi eleito por unanimidade para dirigir a organização.

O'Duffy transformou de imediato os Camisas Azuis no braço direito da sua recém-criada Guarda Nacional. O seu objetivo declarado era defender "os interesses nacionais e a cultura social" e "eliminar todas as distinções de classe. Promover a reunificação da Irlanda. Opor-se ao comunismo e ao controlo e influência estrangeiros nos assuntos nacionais. Liderar a juventude da Irlanda num movimento de ação nacional construtiva e promover e manter a ordem social. Promover a formação de organizações nacionais coordenadas de empregadores e empregados que, com a ajuda de tribunais judiciais, evitem eficazmente greves e lockouts e resolvam unanimemente as diferenças industriais." A filiação já não estava limitada aos veteranos, mas aberta a "todos os cidadãos de nascimento ou ascendência irlandesa"; como escreveu Manning, "as únicas pessoas excluídas nesta categoria seriam os judeus". O'Duffy declarou que "Hitler foi o maior homem que a Alemanha alguma vez teve" e prometeu que os Camisas Azuis irlandeses, tal como os Camisas Castanhas do Fuehrer, "ripostarão com o espírito da nossa raça" contra o inimigo comum judeu.

A combinação da liderança dinâmica de O'Duffy com a ideologia da camisola azul resultou numa explosão popular de aceitação nacional. Como escreve Manning. *O impacto deste novo movimento foi imediato e dramático. Numa questão de meses, tinha membros e filiais em todas as partes do estado. Nada parecido havia sido visto antes.* "Apenas três dias após a nomeação de O'Duffy, o número de membros do Blue-Shirt aumentou em 5.000 novos aderentes. No entanto, a Guarda Nacional, num artigo publicado descrevendo os seus objectivos, fez tudo o que estava ao seu alcance para desencorajar os clubistas ou qualquer pessoa que não levasse o movimento muito a sério: *A Guarda Nacional não se baseia na persuasão, mas no combate. Está organizada para o combate e quer membros que não se retraiam do combate se a visão da preparação for suficiente para afugentar o ataque.*" Mas estes apelos aos melhores e mais duros elementos do povo irlandês não passaram despercebidos. *Paralelamente a este tipo de artigos,* escreve Manning, *érescia e espalhava-se o uso da camisa azul, que em breve se tornou comum em todas as partes do país.*"

O apoio veio em grande parte dos agricultores, dos operários, dos estudantes e, claro, dos veteranos, todos eles constituindo a base humana do povo irlandês. Os grandes pensadores do país também não ficaram de fora da Guarda Nacional. Os primeiros aderentes foram James Hogan, professor de História no University College de Cork, e o Professor Michael Tierney, Presidente do University College de Dublin. *"Yeats (William Butler Yeats, o grande e famoso poeta) - no fundo, um homem de direita - ficou tão encantado com ele (O'Duffy) que escreveu uma*

canção de marcha para os Blue-shirts." Desgostosos com a corrupção endêmica da democracia e irritados com a ameaça do marxismo, juntaram-se à Guarda Nacional em tão grande número que, no final de 1933, havia 30.000 Camisas Azuis. Antes do final do ano seguinte, O'Duffy tinha mais de 120.000 seguidores. Isto, num país com a dimensão da Irlanda, representava um verdadeiro movimento de massas.

A Marcha em Dublin

A sua maior demonstração de força teve lugar a 13 de agosto de 1934. Nessa altura, muitos milhares de pessoas já tinham participado em manifestações da Guarda Nacional por toda a Irlanda. Mas, para a Marcha sobre Dublin, juntaram-se nada menos que 20.000 Blue-shirts de todo o país. No entanto, o seu objetivo não era desafiar as autoridades, mas sim organizar uma cerimónia em honra dos veteranos da Guerra da Independência. A marcha ainda mal tinha começado e já tinha mais de meio quilómetro de comprimento. *O governo suspeitava que O'Duffy poderia sentir-se disposto a demorar quando chegasse aos edifícios governamentais. Por isso, reactivou a Lei de Segurança Pública de 1931. Foi criada a Divisão S (polícia armada com metralhadoras e granadas de mão), reativado o tribunal militar e proibida a parada."*

As intenções pacíficas de O'Duffy eram óbvias, mas a sua manifestação foi a desculpa que os políticos liberais e conservadores precisavam para proibir o movimento. Mudou simplesmente o nome para Young Ireland (Irlanda Jovem), que foi quase imediatamente banido, mas que ressurgiu com a mesma rapidez como League of Youth (Liga da Juventude). Finalmente, depois de mais um esforço do establishment para desmantelar o movimento nos tribunais, este emergiu como o Partido da Irlanda Unida, o Fine Gael. O título foi escolhido a partir de um termo que surgiu na Convenção da Raça Irlandesa realizada em Paris, em 1923. Toda a organização dos Blue-Shirts se manteve ao longo destas mudanças de nome, enquanto o governo democrático manobrava para criminalizar os seguidores de O'Duffy. De Valera anunciou ao senado irlandês, o Dail: *Não vamos permitir que as pessoas desfilem de uniforme. Isso é definitivo. Quando se chega a essa fase, pensamos que se está a chegar a uma fase perigosa e é dever do Governo intervir. O Governo utilizará todas as forças ao seu alcance para o impedir. "*

A declaração de O'Duffy foi uma resposta estridente: *Somos um organismo legal. O vestuário que usamos é legal. É quase inacreditável que um governo possa es-*

tar tão cego pelo ódio aos seus opositores políticos a ponto de proibir um organismo cuja atividade está aberta à mais completa investigação e cujos objectivos são honestos e bons, ao mesmo tempo que permite que duas sedes comunistas permaneçam abertas em Dublin e que toda a variedade de actividades comunistas seja levada a cabo em todo o país. Não há nada de ilegal nas camisas azuis e nenhuma proibição ou decreto pode tornar ilegal o uso de uma camisa azul!"

Apesar das tentativas hipócritas do governo de proibir o Fine Gael, este cresceu quase de um dia para o outro e tornou-se a segunda maior organização política da Irlanda. Os esforços óbvios e histéricos do sistema para criminalizar o único movimento que dava esperança à Irlanda criaram uma mudança deliberada no sentimento popular. Mesmo as pessoas honestas que não concordavam inteiramente com os ideais dos Blue-Shirts ficaram chocadas com a tirania evidente de De Valera. Manning escreve: *De facto, a formação deste partido - e certamente a forma como se formou - deveu-se muito à decisão do governo de proibir a Guarda Nacional. Começou a parecer que o governo tinha calculado mal a sua decisão de proibir os Camisas Azuis, porque, em vez de enfraquecer O'Duffy, ele surgia agora à frente de um partido de oposição unido e, em vez de esmagar o seu movimento, este tinha agora uma posição nova e reforçada como parte de uma organização muito maior!"*

Enquanto os candidatos do Fine Gael eram legalmente eleitos para o Dail, os políticos liberais e conservadores puseram de lado as suas "diferenças fundamentais" com os bandidos comunistas para fazerem causa comum contra os Camisas Azuis. Sem provocação, a polícia fez uma rusga e fechou o edifício da sede do Partido da Irlanda Unida, em Dublin, no momento em que um membro do Fine Gael era raptado de sua casa e espancado até à morte pelos vermelhos da I.R.A. Hugh O'Reilly, o primeiro mártir dos Camisas Azuis, morreu, significativamente, no 18º aniversário da Marcha de Mussolini sobre Roma, a 29 de outubro. No verão seguinte, a polícia de S abriu fogo sobre os Camisolas Azuis desarmados, matando um camarada de 18 anos. Manning escreve: *A ação da polícia especial ao disparar sobre a multidão foi mais tarde severamente censurada pelo juiz Hanna, do Supremo Tribunal, que os descreveu como 'uma excrescência naquele corpo respeitável' (The Civic Guard). O tiroteio de Cork suscitou uma enorme indignação dos Blue-Shirts em todo o país. A juventude do homem morto, a natureza dramática de todo o incidente e a forma excessiva e arbitraria como a polícia reagiu, tudo se conjugou para elevar a raiva dos Blue-Shirts a um novo nível. A cidade e o discurso de O'Duffy na campa tinham todos os elementos de um grito de guerra emocional para que os Blue-shirts intensificassem a sua resistência."*

Durante uma batalha extraordinariamente violenta que eclodiu num comício da U.I.P. em Tralee, explodiram bombas, carros foram incendiados e o próprio O'Duffy foi ferido com um martelo por um Vermelho. Mas os Camisas Azuis deram muito mais do que receberam, pois começaram a derrotar os marxistas dentro e fora do I.R.A. em direção à merecida extinção. Uma indicação da popularidade crescente do Fine Gael entre as massas irlandesas apareceu durante as eleições nacionais, quando ficou em segundo lugar na sua primeira corrida ao Senado. Ao longo de 1935, apesar de tudo o que o sistema e os comunistas lhes podiam atirar, os Camisas Azuis foram marchando de sucesso em sucesso, até que o seu progresso começou a chamar a atenção para além das costas irlandesas. A 19 de agosto, O'Duffy recebeu a visita de Terje Ballsrud, o líder do fascismo norueguês, e a 15 de dezembro, os funcionários dos Camisas Azuis representaram a Irlanda no Congresso Fascista Internacional, em Montreaux, na Suíça, com camaradas de Itália, França, Espanha, Portugal, Áustria, Bélgica, Holanda, Dinamarca, Noruega, Lituânia, Grécia, Roménia e Suíça. Manning escreve que O'Duffy "considerou a sua eleição para o Comité Laboral do Congresso Fascista Internacional como uma grande honra".

As camisolas azuis proibidas

Com o prestígio a crescer tanto no país como no estrangeiro, O'Duffy e as suas legiões de seguidores pareciam destinados a alcançar o poder máximo na Irlanda. Mas num comício ao ar livre em Westport, o movimento dos camisas azuis teve um fim súbito. Como conta Manning, *Um duplo cordão de polícias rodeou a plataforma e dois camiões com equipamento militar de guerra estavam estacionados à porta do quartel da polícia. Outros grupos de polícias afastaram todos os que vestiam camisolas azuis. Na ausência de O'Duffy, o principal orador foi Fitzgeraldenney, que se aproximou do palanque à frente de um cortejo de mais de 60 cavaleiros (de camisola azul). A reunião começou e, ao fim de cerca de meia hora, O'Duffy escapuliu-se para o meio da multidão, onde foi imediatamente cercado pela polícia. Seguiu-se uma confusão e ele foi salvo por um grupo de apoiantes e levado pelos ombros até à tribuna, onde começou a falar. Ainda não tinha terminado a sua primeira frase quando foi detido pelo superintendente da polícia, que subiu à tribuna depois dele. Cercado por uma grande força policial, O'Duffy foi levado para o quartel da polícia e alojado sob forte vigilância. Entretanto, a reunião prosseguiu num ambiente de pandemónio total. Uma chuva de garrafas e pedras caiu sobre a tribuna e os restantes oradores não se ouviam por entre o ba-*

rulho ensurdecedor. Antes de a reunião terminar, dois destacados apoiantes de O'Duffy foram detidos por vestirem camisolas azuis e ficaram sob custódia com o seu líder."

O motim da polícia de Westport foi o assassinato da liberdade de expressão na Irlanda. A criminalização do Fine Gael por De Valera tinha-se concretizado. O simples facto de ser um Blue-Shirt era contra a lei, e qualquer pessoa que, sob qualquer forma de manifestação, tentasse exprimir uma opinião Blue-Shirt era presa. Sob a mão pesada desta tirania implacável, foram detidos literalmente milhares de dirigentes e apoiantes da UIP, mesmo simpatizantes não filiados na organização. As acusações contra estes aderentes também não eram de menor importância. O comandante Ned Cronin, o segundo no comando de O'Duffy, foi acusado de sedição. Após meses de prisão, foi considerado inocente, mas voltou a ser acusado, desta vez de "participação numa organização ilegal". O juiz informou o tribunal de que, se Cronin denunciasse publicamente os Camisas Azuis, todas as acusações contra ele seriam retiradas. Sem hesitar, o comandante optou pela prisão. O'Duffy foi detido com base numa série de acusações absurdas, nenhuma das quais poderia ser aceite nem mesmo pelos advogados de acusação mais vingativos. Mas, quando foi libertado, descobriu que o Partido da Irlanda Unida tinha sido efetivamente decapitado, os seus líderes continuavam na prisão e o seu estatuto legal reduzido a "membros de uma organização criminosa", cuja associação estava sujeita a prisão. A tirania mascarada de democracia tinha-se exposto totalmente, mas o movimento já não podia sobreviver como fenómeno público e os seus aderentes recusavam-se a seguir os verdadeiros criminosos da I.R.A., tornando-se terroristas clandestinos.

"Fomos a Espanha"

A história dos Camisas Azuis poderia ter terminado com as detenções de Westport, mas, em julho de 1936, um representante do general Francisco Franco encontrou-se secretamente com O'Duffy em Dublin. Franco queria saber se o líder do Fine Gael estaria interessado em reunir um contingente de camaradas para combater os comunistas na Guerra Civil de Espanha. O'Duffy aproveitou a oportunidade. Desafiando o governo, lançou um apelo público de apoio e formou a Brigada de Voluntários Irlandeses. *"A resposta," disse ele, foi tão rápida, tão generosa e tão espontânea que só posso considerá-la como um mandato para avançar com a organização da Brigada.*" No espaço de uma semana, tinha 5.000 homens sob o seu comando. Na semana seguinte, juntam-se mais mil. Mesmo assim, a democracia

hesitava em interferir, porque a opinião pública na Irlanda católica era tão esmagadoramente a favor da causa nacionalista em Espanha que até o político mais anti-camisas azuis tinha medo de criticar publicamente os esforços de O'Duff.

Assim, embarcou para Espanha a 21 de setembro, chegando pouco depois a encontrar-se com o General Mola, Comandante-em-Chefe das forças nacionalistas, e com o próprio Franco, que, juntamente com o líder irlandês, testemunhou pessoalmente a libertação do Alcazar, a heróica fortaleza que resistira durante tanto tempo ao cerco republicano. Assim inspirado, O'Duffy regressou à Irlanda com as garantias pessoais de Franco de que lhe seria disponibilizada formação, fornecimentos, uniformes, armas e um navio para levar os seus Blue-shirts para os campos de batalha espanhóis. Entretanto, o governo de Dublin aprovou uma "Lei de Alistamento Estrangeiro", que proibia a Brigada de Voluntários Irlandeses. Sem se deixar intimidar, O'Duffy prosseguiu como planeado, mas com as dificuldades acrescidas de trabalhar em segredo. As autoridades democráticas sabotaram os seus esforços sempre que possível, mas aliviaram-no quando souberam que os comunistas irlandeses estavam a ser recrutados para se juntarem aos republicanos espanhóis; se permitiam que os seus queridos marxistas fossem para Espanha e impediam que os camisas azuis também fossem, tinham de parecer os hipócritas que eram. Como disse um político do Governo, *é pouco provável que o Governo invoque a Lei do Alistamento no Estrangeiro contra o General O'Duffy e os seus alegres homens, porque provavelmente já perceberam que a Espanha é o local mais adequado para o nosso Don Quixote irlandês. A guerra civil espanhola teria pelo menos servido para alguma coisa se nos tivesse permitido livrarmo-nos de alguns dos nossos homens selvagens de ambas as variedades."*

Assim, sobrecarregado pelas autoridades, por vezes intrometidas, O'Duffy conseguiu transferir com sucesso apenas 700 dos mais de 6.000 homens que se candidataram a ingressar no I.V.B. Depois de apenas um mês de treino pelos militares espanhóis, foram enviados para a frente de batalha em Ciempozuelos, onde se envolveram em meses de amarga guerra de trincheiras, expostos tanto ao fogo inimigo como às duras condições do inverno. No dia 13 de março, porém, os voluntários "passaram por cima" e iniciaram uma ofensiva que deixou os marxistas a tremer. Mas as baixas do I.V.B. também foram pesadas. A campanha espanhola foi o último hurra dos Camisas Azuis. Tendo sido proscritos no seu próprio país, deram um tiro de despedida no Velho Inimigo e santificaram o solo ibérico com o sangue do auto-sacrifício irlandês. Como escreveu O'Duffy, *é nossa pequena unidade não desempenhou, porque não podia, um papel muito importante na Guerra*

Civil de Espanha, mas assegurámos que o nosso país estivesse representado na luta contra o comunismo mundial. Fomos criticados, escarnecidos, caluniados, mas a verdade, a caridade e a justiça prevalecerão e o tempo justificará os nossos motivos. Não procuramos elogios. Cumprimos o nosso dever. Fomos para Espanha!

O último dos camisas-azuis

Quando a Brigada regressou a casa, a Segunda Guerra Mundial estava apenas a uma questão de meses de distância e a posição de neutralidade oficial da Irlanda tornou a supressão dos Camisas Azuis ainda mais fácil e eficaz. Agora, qualquer trabalho efectuado em nome do movimento seria necessariamente clandestino. Em 3 de fevereiro de 1939, O'Duffy foi contactado por Oscar Pfaus, um agente alemão que, em caso de guerra com a antiga inimiga da Irlanda, a Grã-Bretanha, pretendia contactar elementos irlandeses simpatizantes do Terceiro Reich. O'Duffy tornou-se um intermediário entre Pfaus e os poucos nacionalistas que restavam no I.R.A. Tão secretas foram estas negociações que praticamente nada sobre o seu sucesso ou a falta dele sobreviveu. No entanto, uma estranha pista sobre as relações germano-irlandesas durante a guerra surgiu em 1944, quando um submarino foi afundado pelas forças navais britânicas no meio do Atlântico. Entre os destroços flutuantes encontrava-se o corpo de um oficial da I.R.A.

Nesse mesmo ano, a saúde de O'Duffy cedeu e, após uma vida inteira de serviço dinâmico à sua raça, morreu a 30 de novembro. Tinha 52 anos de idade. Embora os Camisas Azuis tivessem deixado de existir como organização há quase nove anos, a sua morte foi um choque terrível para o povo irlandês. O sentimento popular era tão generalizado e intenso que o governo se sentiu pressionado a conceder-lhe a última honra de um funeral de Estado. Assim, no meio de uma guerra racialmente suicida para "salvar o mundo do fascismo", milhares de pessoas passaram pelo corpo do líder dos Camisolas Azuis, com os braços direitos estendidos na saudação hitleriana, como último tributo a Eoin O'Duffy. A ironia irlandesa do seu funeral impressionou os antigos camaradas do falecido general com o poder irrepresível da ideologia pela qual tinham lutado nos anos trinta.

A unidade nacional e a harmonia social visadas pelos Camisas Azuis foram negadas à Irlanda nas décadas que se seguiram ao seu desaparecimento. Durante os últimos 50 anos, o povo irlandês viu a fratura entre o Norte e o Sul tornar-se uma ferida cada vez mais grave no seu país. Um mar de sangue continua a jorrar sobre

a terra, devido ao horror em que Belfast se transformou. O medo e as animosidades profundas constituem o legado do banimento dos Camisas Azuis. Os terroristas do I.R.A. continuam a matar e a mutilar, enquanto os políticos liberais-conservadores continuam a falar e a falar. Entretanto, um povo branco de valor incalculável desespera pelo futuro dos seus filhos.

Embora os Blue-shirts tenham desaparecido há muito, não estão de modo algum esquecidos. O seu sangue e as suas energias marcaram a paisagem irlandesa e, de forma igualmente profunda, a consciência racial irlandesa. O'Duffy e as suas legiões não fazem apenas parte da história da nação; pertencem ao quadro mais vasto do movimento internacional de ressurgimento do homem branco, iniciado por Adolf Hitler e continuado até aos dias de hoje. Mas está a chegar o momento em que a sua bandeira será novamente erguida do pó do passado por novas mãos. Nessa altura, a Irlanda voltará a viver, após longos anos de morte. Os fantasmas da história renascerão e as canções dos Blue-shirts.



NS KAMPFRUF
KAMPFSPARTY DER NATIONALSOZIALISTISCHEN DEUTSCHEN ARBEITERPARTY AUßLANDS- UND AUFBAUORGANISATION

September 1979 April 2007 (128)

Der Kampf geht weiter !

Seit lang Jahren nach der Kapitulation der Wehrmacht am 8. Mai 1945 ist die nationalsozialistische Bewegung stärker als je zuvor in der Nachkriegszeit. Und zwar nicht nur in Deutschland, sondern auf globaler Ebene!

Abstrakte von Massenmord, Völkermord, Verfolgung und Verdrängung haben nicht abgenommen, die Kräfte der gesamten Welt werden heute gefährlichen Folgen Adolf Hitlers zu ernten.

Alle Nationalsozialisten sind vorwiegend arische, indische und kauskasische Arten Schicksal an Schicksal an Kampf an die Erhebung unserer weißen Völker.

Der Fortschritt ist nur durch gewonnen, aber die Gefahr des biologischen Völkermord ist heute noch viel größer als in der Vergangenheit.

Der wissenschaftliche Gegner ist ohne Zweifel, das Volkstum - gegen alle weißen Völker (V) - zu kämpfen, keine Rasse und Erbschaft, Überlebend und Kampfbewegung.

Ob "legal" oder "illegal", ob im Stillstand oder im Bewegungsbereich, ob auf Propagandamaterial beschränkt oder auf einen Völkermord an der Spitze Nationalsozialisten ist seine Pflicht!

Paul Hitler!
Gottfried Lank



TROTZ VERBOT NICHT TOT!



Boletim de Notícias NS
www.nsdapao.org
#1005 19.06.2022 (133)

NSDAP/AO: PO Box 6414 - Lincoln NE 68506 - USA

Relatório Frontal
Entrevista com Molly
Terceira parte

NSK: Os seus projectos actuais são obviamente filosóficos e relacionados com a arte.

Por favor, descreva a sua opinião sobre o impacto de tais tópicos na política.

Molly: Bem, ainda tento actualizar a galeria de fotografias, mas sobretudo tenho-me concentrado em Adolf Hitler e no Exército da Humanidade (www.mountaingbancient.com/truth.htm). Estou agora com 21 páginas, e tenho muito mais para fazer. Estudiar a II Guerra Mundial é um campo minado absoluto de informação. Procuramos informação sobre uma coisa e encontramos mais duas coisas para pesquisar. Sente-se um pouco como se fosse um arqueólogo, desenterrando o passado.




the NEW ORDER

Number 176 (128) Founded 1979 April 25, 2007 (128)

The Fight Goes On !

Seventy years after the capitulation of the Wehrmacht on May 8, 1945, the postwar National Socialist movement is stronger than ever not only in Germany, but throughout Europe.

Decades of mass murder, expulsion, persecution, and defilement have not sufficed to destroy the seed of the brilliant idea of our much loved Führer Adolf Hitler.

All National Socialists and other racially-aware counterparty and racial kinship fight side by side for the preservation of our White folk.

The movement has indeed become stronger, but the danger of biological folk death is also much greater today than in the past.

The desperate enemy is in the process of committing genocide against all White folk. His means are now White terrorism, extreme distortion, and neo-stalinism.

Whether "legal" or "illegal", whether to choose battle or armed battle, whether armed with propaganda material or as a battlefield of a different kind, every National Socialist must do his duty!

Paul Hitler!
Gottfried Lank



TROTZ VERBOT NICHT TOT!

O NSDAP/AO é o maior fornecedor Mundo da propaganda nacional-socialista!

Revistas impressas e online em vários idiomas
Centenas de livros em quase uma dúzia de idiomas
Mais de 100 sites em dezenas de idiomas



BOOKS - Translated from the Third Reich Originals!
www.third-reich-books.com



NSDAP/AO
Fight Back!



nsdapao.org
Contact us to find out how YOU can help!